

Estação NET presta homenagem a Orlando Senna

PÁGINA 5



Cronenberg leva seu novo longa à Mostra de SP

PÁGINA 3



Morre Paul Di'Anno, ex-vocalista do Iron Maiden

PÁGINA 6



2º CADERNO

GLAUBER FEITO ROCHA

Citações em festival paulista, peça no Rio e retrospectiva no Canal Brasil renovam o espaço nobre do cineasta no imaginário cultural do país

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Santos nomes cinéfilos nunca são evocados em vão numa maratona audiovisual como a 48ª Mostra de São Paulo, onde a sagrada contribuição de Glauber Rocha (1939-1981) vem sendo citada sempre que se faz menção a “Malês”, de Antonio Pitanga, um colaborador do cineasta que lança seu filme no evento na segunda, às 21h40, no Reserva Cultural 1.

O épico sobre uma revolta na Bahia empreendida por escravizados muçulmanos começou a ser esboçada depois de uma conversa entre Pitanga e o diretor de “Barravento” (1961), ocorrida tempos atrás. O projeto se desenhou ali, mas Glauber morreu e, só quatro décadas depois a morte dele, o ator baiano conseguiu tirar a ideia do papel, sempre citando a relevância do amigo para a gênese da empreitada.



Também é difícil não pensar no legado glauberiano quando seu filho Eryk Rocha tem longa novo para lançar, numa dobradinha com sua companheira de ofício e de vida, Gabriela Carneiro da Cunha. “A Queda do Céu”, que fez sua primeira projeção na Quinzena de Cannes e ganhou o troféu Rendetor de Melhor Direção de Documentários no Festival do Rio, terá sessões na Mostra nos dias 28 (às 21h20, no Espaço Augusta) e 29 (na Sala Grande Otelo da Cinemateca Brasileira, às 15h45). É uma narrativa ritualística sobre os yanomami. Para além da maratona paulistana, vai ter uma celebração da obra do artesão autoral por trás de cults do naipe de “A Idade da Terra” (1980) esta noite na TV a cabo, no Canal Brasil. **Continua na página seguinte**



‘Não fosse a minha atividade ideológica e cultural não teria havido aberturas’

Divulgação



Othon Bastos em ‘Deus e o Diabo na Terra do Sol’ (1964), um marco para o Cinema Novo e que consagraria o ator

Divulgação



‘Terra em Transe’ (1967): prêmio da crítica em Cannes

Como 2024 marca a comemoração dos 60 anos de lançamento de “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964) na competição oficial pela Palma de Ouro de Cannes, a emissora resolveu preparar um tributo a seu artífice, a partir das 21h30 desta quarta, quando esse clássico do Cinema Novo será exibido na telinha. Na sequência, às 23h30, o Canal Brasil transmite “Terra Em Transe”, que recebeu em 1967, na Croisette, o Prêmio da Crítica (votado pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica, a Fipresci). Por fim, à 1h20 é a vez de “O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro”, nordestern que garantiu a Glauber Rocha a láurea de Melhor Direção no Palais des Festivals em solo cannoise.

“Fui eu que agi fundamentalmente dentro deste país para que se processasse as aberturas políticas a partir de 1972. Não fosse a minha atividade ideológica e



‘O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro’ (1969), um nordestern também premiado em Cannes

cultural não teria havido aberturas. Então eu sou o profeta da anistia. Substituí o Sinatra na política direta”, alfinetou Glauber em uma de suas últimas entrevistas.

Noutra latitude, a das artes cênicas, o Teatro Vanucci, no Shopping da Gávea, tem festejado Glauber numa micareta memorialística chamada “Não Me Entre-

go, Não!”, uma peça escrita e dirigida por Flávio Marinho na qual Othon Bastos, aos 91 anos, relembra fases icônicas de sua vida na arte. O cangaceiro Corisco, delineado pelo astro em “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, é o autor da frase que serve de título ao espetáculo. Fiel à tese sociológica de que “mais forte são os poderes

do povo”, o tal Diabo Louro imortalizado por Othon, cruzou as telas de Cannes de novo em 2022, quando o festival francês exibiu uma cópia restaurada em 4k do longa, 58 anos depois de seu lançamento nas telas da Europa, no momento em que o Brasil sofreu o golpe militar que lhe deflagrou uma ditadura de 21 anos. Memórias dos anos de chumbo e da resistência de Glauber à intolerância de farda foram rediscutidas então e são retomadas toda vez que Othon sobe no palco... ou, no caso da retrospectiva do Canal Brasil, cada vez que ele aparece na televisão. “Nossa memória está sendo incendiada, mas, ainda resistimos. Glauber resiste”, diz Othon, que segue com “Não Me Entrego, Não!”, no Vanucci, até dezembro. “A gente fez uma mensagem de resistência repercutir lá em 1964. Cada época tem um significado político, ético... desde que você esteja inteiro em cada papel... e eu sempre estou”.



A Cronenbergmania chega a São Paulo



Premiado com láurea honorária em Toronto, cineasta canadense renova seu séquito de fãs com filme e série no streaming e brilha na Mostra com 'O Senhor dos Mortos'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sete anos atrás, enquanto curtia uma pausa em sua carreira cinematográfica para se dedicar a um projeto literário, o canadense David Cronenberg, o artesão maior do body horror, enviuvou com a perda de sua companheira, a montadora e diretora Carolyn Zeifman. A saudade e o luto que cercam essa perda serviram de base para "O Senhor dos Mortos" ("The Shrouds"), filme que o levou à disputa da Palma de Ouro, em maio, e o traz agora para a Mostra de São Paulo.

Com sessão nesta quarta (23), às 20h50, no Reserva Cultural 1, e no sábado, às 17h, no Reserva 2, a produção traz o francês (que adotou o Brasil como lar) Vincent Cassel como protagonista. Ele vive Karsh, um produtor de vídeos e empresário bem-sucedido que vive da melancolia alheia. Sua empresa, a GraveTech, localizada num cemitério que pertence a ele, permite que seus clientes vejam a deterioração dos cadáveres de seus entes queridos já finados.

Certa noite, vários túmulos são violados, incluindo o de sua esposa (papel de Diane Kruger), o que o leva a engatar uma investigação. "As cerimônias religiosas costumam operar na base do velamento, num princípio



Divulgação

Karsh (Vincent Cassel) no cemitério hi-tech que faz dele 'O Senhor dos Mortos' no novo longa de David Cronenberg

Divulgação TIFF



O realizador canadense com o troféu honorário do Festival de Toronto, batizado em tributo ao diretor Norman Jewison

de encobrir o que as pessoas perderam, e eu preferi construir uma dramaturgia em que isso fosse desvelado e exposto a um limite de enfrentamento, pois não penso na decadência dos corpos, não penso na finitude... penso nas experiências que registramos", disse Cronen-

berg em Cannes.

Aos 81 anos, seu nome é cercado por uma Cronenbergmania que ronda a Europa – e não só ela – e só faz crescer. Em setembro, ele foi homenageado no Festival de Toronto, o TIFF, com um troféu honorário pelo conjunto de sua obra, batizado com o nome do cineasta Norman Jewison (1926-2024), também nascido no Canadá. A láurea chegou num momento em que vários tributos a Cronenberg eram engatilhados, a reboque da excursão mundial de "O Senhor dos Mortos", que terá mais uma exibição na Mostra neste domingo, às 18h, no Kinoplex Itaim 1. Ele ainda brilha, como ator, na série "Star Trek: Discovery", na Paramount +.

No momento em que "Marcas da Violência" (2005), uma adaptação de HQs com Viggo Mortensen no papel central, levou o cineasta à Comic-Con de San Diego (o maior evento nerd do planeta) e virou um cult, a grife autoral de Cronenberg virou pop. Fora isso, há uma efeméride em torno de seu nome: em 2024, completam-se 55 anos de sua estreia em longas, demarcada pela estreia de "Stereo" (1969).

Seu filme anterior, "Crimes of The Future", hoje na MUBI, teve uma avassaladora carreira nos festivais e no streaming. Brillhou apesar de não ter sido premiada em sua passagem por Cannes, onde parte da plateia deixou a projeção incomodada com a repre-

sentação da fisiologia humana. Monumental, a fita é uma ficção científica catastrofista. Foi projetada ainda no 70º Festival de San Sebastián, no norte da Espanha, numa homenagem a seu realizador, de onde ele saiu com o troféu Donostia, láurea honorária referente ao conjunto de sua obra... e à sua excelência.

Embalado numa serena trilha sonora de Howard Shore similar a um mantra, "Crimes of the Future" (título original) faz jus à toda a expectativa que o cercou na Croisette, onde brigou pela Palma de Ouro. É sublime! Foi o espetáculo autoral mais radical de Cannes, em sua edição nº 75 e gerou uma vasta quilometragem de resenhas inflamadas na imprensa europeia. É um filme perfeito em sua dramaturgia intimista e de uma riqueza inestimável em seu reflexo das angústias que movem o mundo em 2022. Estão em seu filosófico roteiro, filmado em Atenas, o abandono gradual do toque e do contato físico; a radical espetacularização das opiniões; identidades performáticas; doenças sistêmicas; e um conceito brilhante: "o design do tumor", que sugere o crescimento desenfreado de ideias comatosas. E some a tudo isso um Viggo Mortensen em estado de graça. Coroando tudo, há o fato de Cronenberg estampar sua marca venérea, intestinal, a cada plano, sem abrir mão, hora alguma, dos códigos de gênero da sci-fi, como faz agora em "O Senhor dos Mortos", nas mortalhas eletrônicas de Karsh inventa.

Ao Correio da Manhã, o cineasta respondeu que toda imagem, still ou em movimento, "é sempre uma ritualização da morte, por ser uma maneira de encapsular o Tempo, mas este age sobre os corpos num avanço que não pode ser paralisado".

Com "Crimes of the Future", o cinema mundial entrou num casulo onde revê as microfísicas do absurdo e do abandono de nosso tempo, aplaudindo o nascimento de um filme seminal. Há uma sequência nele que se candidata à posteridade: uma dança de um performer cego e de boca costurada que tem uma profusão de orelhas presas ao corpo. É um signo de nossa incapacidade corrente de ouvir o mundo... de escutar o outro. Talvez por isso, em "O Senhor dos Mortos", Cronenberg busque ouvir (e ver) defuntos: para entender a quietude eterna.

ENTREVISTA / JOSÉ BARAHONA, CINEASTA

'A ficção é um lugar onde podemos imaginar tudo aquilo que quisermos'



lida no documentário pautada por investigações de identidade, vide "O Manuscrito Perdido" (2010) e "Nheengatu" (2020). A arte da escuta que lapidou em sua colheita de depoimentos e registros do real foram fundamentais para que ele se lançasse na ficção com "Estive em Lisboa e Lembrei de Você", há quase dez anos, numa prosa com a literatura mineira. O flerte com os códigos ficcionais o levaram a uma incursão por veredas da recriação histórica, num novo (e belíssimo) filme que chega às telas nacionais pela Mostra de São Paulo: "Sobreviventes". Tem sessão dele no sábado, às 14h30, no Cinesystem Frei Caneca. Sua trama retrocede



José Barahona, cineasta

no Tempo até meados do século 19, quando náufragos de um navio negreiro – brancos e negros – vão parar numa ilha perdida no Oceano Atlântico. A luta pela sobrevivência (e, sobretudo, pelo poder) vai inverter os valores morais e sociais vigentes na época. O roteiro é assinado por Barahona e pelo escritor José Eduardo Agualusa. Estão em cena Alex Miranda, Anabela Moreira, Roberto Bomtempo, Paulo Azevedo (que protagonizou "Estive..." e volta em possante desempenho) e Miguel Damiano, no papel de Fradique Mendes, figura celebrada na literatura de Eça de Queiroz (1845-1900).

De que maneira a ilha onde param os náufragos servem como microcosmo (ou síntese) dos problemas de sobrevivência dos povos do Brasil, d'África e de Portugal?

José Barahona: A ilha dos náufragos é um espaço fílmico imaginário como são todos os espaços fílmicos. Existe uma metáfora evidente perto do fim do filme onde se vislumbra a utopia em que estes povos poderiam viver, tanto no passado como no presente. A ficção é um lugar onde podemos imaginar tudo aquilo que quisermos. Não temos de forma alguma de ter registos realistas, mas sim de apon-

Divulgação

tar caminhos e direções que nos parecem importantes. A liberdade é algo que todos os povos e seres humanos buscam intrinsecamente, e é isso que está presente naquele espaço fílmico.

Como se deu o trabalho com José Eduardo Agualusa?

Eu já havia tido uma aproximação ao José Eduardo Agualusa quando fiz o filme "O Manuscrito Perdido", em 2010. Ele participou no filme, que aliás todo ele é uma carta que lhe é dirigida. José Eduardo Agualusa recorreu ao personagem de Fradique Mendes, criado por Eça de Queiroz, no seu livro "Nação Crioula", personagem esse que é preponderante no filme "O Manuscrito Perdido" e que é um dos protagonistas de "Sobreviventes". Por tudo isso, pelo seu talento e habilidade - e por seu conhecimento da cultura angolana, brasileira e portuguesa -, foi natural convidá-lo para escrever esse filme comigo. Tratou-se de uma parceria a quatro mãos, em que ele escrevia uma versão, enviava-me, e eu escrevia outra versão e voltava a enviar-lhe, tendo isso acontecido várias vezes.

De que forma a tua experiência progressa com a ficção, de prosa com Luiz Ruffato, talhou seu olhar para as dinâmicas sociais do Brasil?

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Português de berço, brasileiro de convívio, formado em parte na Escuela Internacional de Cine y Televisión de San Antonio de los Baños, em Cuba, e parte na New York Film Academy, José Barahona tem uma carreira só-

O QUE ASSISTIR NESTA TERÇA NA MOSTRA DE SP

POR RODRIGO FONSECA

A VIDA É UMA CADELA ("Chiennes de Vies"), de Xavier Seron (Bélgica): Achado do festival argentino Bafici 2024, apoiada no desempenho de Jean-Jacques Rausin. O solitário Tom tenta agradar Cécile (Mara Taquin), aceitando acolher o chihuahua de seu falecido vizinho. O problema é que o animalzinho, aparentemente inofensivo, pode ter levado o antigo dono ao suicídio — e agora quer matar o novo tutor. Onde: Cinemateca de São Paulo, 15h



MALU, de Pedro Freire (Brasil): O ganhador do troféu Redentor de Melhor Filme no Festival do Rio (em empate com "Baby"). No roteiro de Freire, uma atriz de passado glorioso (Yara de Novaes) se vê presa num caos sentimental. A relação com sua mãe conservadora (Juliana Carneiro da Cunha) e sua filha adulta (Carol Duarte) torna sua crise ainda mais aguda. A atuação do trio é arrebatadora. Onde: Cinesystem Frei Caneca, 15h15



MARIA CALLAS, de Pablo Larraín (EUA e Alemanha): Depois de "Jackie" (2016), com Natalie Portman vivendo Jacqueline Kennedy, e "Spencer" (2021), com Kristen Stewart no papel de Lady Di, o diretor chileno utiliza todo o talento de Angelina Jolie para reviver os momentos finais da maior cantora de ópera do mundo, Maria Callas (1923-1977). Onde: Cinesystem Frei Caneca, 17h10



Fotos/Divulgação

Referência na política cultural e no documentário, cineasta ganha homenagem esta noite no Estação NET Botafogo com a projeção do faroeste 'Longe do Paraíso'



'Longe do Paraíso' põe irmão contra irmã na cena de um Brasil perfumado a pólvora

O 'Django' de Orlando Senna

Solange Moraes/Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Laureado com o prêmio de júri popular no Festival de Brasília de 2020, "Longe do Paraíso", um raro exemplar brasileiro de faroeste, calcado nas raízes estéticas do gênero, nunca teve estreia comercial em circuito carioca, mas terá, enfim, projeção em tela grande na cidade nesta quarta-feira (23), às 19h, no Estação Net Botafogo, em homenagem a seu diretor, Orlando Senna, uma grife da produção documental e da política cultural.

Nos dias 6 e 9 de novembro, a produção pede passagem ao público baiano, com exibições em Salvador, sempre com a presença do diretor. É uma forma de celebrar sua obra por meio de uma expressão narrativa refinada, que traz um personagem capaz de abrir debates sobre a prática do vigilantismo: o pistoleiro Kim.

Espécie de Franco Nero do Nordeste, sempre de roupa preta e trabuco na cintura, Kim roga a Deus e manda Bala, carregando a Morte no vítreo dos olhos. Ele já matou demais para quem tem pouco mais de 20 e poucos anos na terra de bravos, sem lei e sem alma, que Senna criou. O realizador marcou época em duo com Jorge Bodanzky em "Iracema, Uma Transa Amazônica", exibido no último



Orlando Senna no set de 'Longe do Paraíso'

Festival do Rio, em homenagem aos 50 anos de sua finalização. Ali, trilhava uma curva nas raízes da não ficção. Aqui, ele dialoga com a tradição de John Ford e Howard Hawks, mas de uma maneira particularíssima.

A lembrança de Nero é forte (e eterna) por seu personagem mais famoso: Django. Como ele, Kim também arrasta um caixão, só que não um de madeira e, sim, um feito da matéria existencial que Sartre chamava de

Náusea, com o "N" maiúsculo da negação do sentido de pertença. Lê-se em Sartre que "O ser humano é um existente que nasce sem motivo, dura por fraqueza e morre por acaso". Kim até estaria assim se não houvesse um vetor que obrigasse o sujeito a encontrar um propósito: matar. Sua patroa, chamada Madame (papel que Sonia Dias executa numa atuação viçosa), obriga que este pistoleiro de um Brasil regido a balas nunca se mantenha inerte na ciranda nauseante de seu dia a dia. Matar é sua CLT.

A alusão a Django - dado o visual do personagem encarnado a vísceras e puro humanismo pelo ator Ícaro Bittencourt, num jorro de potência - pode fazer parecer que estamos numa ambientação de western spaghetti, qual a dos cults de Sergio Corbucci ou de Tonino Valerii. A lembrança é forte, entretanto não é com o bague-bague à italiana que o diretor de "Imagem da Terra e de Povo" (1969) se irmana neste longa-metragem. Senna se liga mais ao faroeste psicológico americano do pós-guerra, da lavra de Anthony Mann (1906-1967), sobretudo "O Preço de um Homem" (1953) e "O Tirano da Fronteira" (1955). Há um mal-estar existencialista no bague-bague brasileiro que parece muito com a linhagem de Mann.

Embalado pelo que periga ser a melhor trilha sonora de David Tygel em muitos anos

(e olha que o nível musical desse compositor é dos mais altos), Senna faz um balé de câmera, de gestos sinuosos. Enquadra de maneira estanque, apoiado por uma fotografia apolínea (assinada por Pedro Semanovisch), sendo quase monolítico em alguns movimentos, como no plano e contraplano em que as entranhas afetivas de seus personagens são evisceradas. Na hora dos tiros, tudo é ágil, pois a montagem (impecável) de Luiz Guimarães Castro responde (sem nervosismos, mas bem atenta) às cartilhas do faroeste moderno.

Nos primeiros minutos de "Longe do Paraíso", na sequência que melhor dialoga com o histórico documental de Orlando (como "Gitirana", feito com Jorge Bodanzky), Kim mata um homem e seu filho (uma criança) num ataque a um acampamento do MST. Artesão do realismo político e dos códigos documentais de denúncia, o veterano realizador baiano se desgruda de seu protagonista para cartografar a exclusão ao falar do empenho resiliente do Movimento dos Sem Terra. Mas, logo, num fluxo de edição preciso, o cineasta volta a enquadrar o duplo assassinio cometido por Kim a partir dos ditames da trama e revela que o ato foi um erro dele como matador. Morreu quem não deveria: ele matou as pessoas erradas. Para pagar por seu deslize, Kim é escalado para assassinar uma mulher ligada à resistência fundiária no Nordeste. O alvo é Bel, personagem de muitos calos nas mãos e na alma a quem Emanuelle Araújo, em seu mais potente desempenho como atriz, esculpe de um barro similar àquele de onde Anna Mangnani tirava as heroínas do Neorealismo. O componente que mais pesa no fardo/fado de Kim é o fato de que Dea é sua irmã. Brota daí um conflito trágico regado a pólvora.

O adeus a uma voz que marcou o heavy metal

Paul Di'Anno, o polêmico ex-vocalista do Iron Maiden, morre aos 66 anos. Filho de brasileiro, cantor tinha dupla cidadania e até torcia pelo Corinthians

Por Affonso Nunes

O cantor e compositor Paul Di'Anno, ex-vocalista do Iron Maiden, morreu aos 66 anos, em sua casa, em Salisbury, na Inglaterra. A notícia foi divulgada na segunda-feira (21) nas redes sociais da Conquest Music, selo musical do qual o controverso músico fazia parte.

Paul Andrews - nome verdadeiro do artista - nasceu em 17 de maio de 1958, no bairro de Chingford, nos subúrbios de Londres. Seu pai era brasileiro e ele teve dois dos seus seis filhos nascidos no Brasil.

Ele foi vocalista do grupo de heavy metal de 1978 a 1981, período em que participou da gravação do álbum de estreia da banda, "Iron Maiden", do segundo disco, "Killers", de 1981, e do EP "Maidein Japan", gravado ao vivo em 1981.

A saída repentina de Di'Anno do Iron Maiden é atribuída à pressão de outro membro, o baixista Steve Harris, fundador do grupo. O cantor, que não perdia a oportunidade de insultar os atuais integrantes do Maiden publicamente, fez as pazes com os músicos de sua antiga banda antes de morrer.

Di'Anno só viria a se reconciliar com Harris e os demais integrantes do Iron Maiden em 2022. Na época, ele passou por uma cirurgia no joelho, e a banda o ajudou a pagar pelo tratamento.

No auge das rugas entre os músicos, Di'Anno chegou a comparar Steve Harris ao



Reprodução



Divulgação

Di'Anno (centro) e os integrantes da formação do Iron Maiden entre 1978 e 1981

Di'Anno costumava vestir a camisa do Corinthians, time de seu pai, em shows no Brasil

ditador alemão Adolf Hitler. No entanto, o baixista deixou claro que tudo aquilo havia ficado no passado em entrevista concedida à revista Louder Sound em 2023. "Achei que não havia nenhuma situação a ser superada. Paul disse algumas coisas sobre sua época no Maiden, mas isso é Paul. É como ele é e como sempre será. E não tenho nenhum problema com isso. Certa vez, ele me chamou de Hitler, o que deixou algumas pessoas ofendidas, mas eu achei engraçado", declarou na ocasião.

Em entrevista a BraveWoods em julho deste ano, Di'Anno falou sobre a reconciliação. "Eu e Steve conversamos muito. Sabe, estamos sempre nos falando no WhatsApp,

principalmente sobre futebol, sobre o time do West Ham (Harris é um torcedor fanático desta equipe londrina) e coisas assim. Mantemos muito contato e encontrá-lo foi absolutamente incrível. Eu gostei. Espero que ele também tenha gostado", disse o vocalista.

A partir de sua saída do Iron Maiden, Paul Di'Anno desenvolveu vários projetos, lançou discos de sua carreira solo e liderou as bandas Battlezone e Killers. Já com problemas sérios no joelho, vinha se apresentando ao vivo em uma cadeira de rodas.

"Apesar de enfrentar sérios problemas de saúde nos últimos anos, que o impediram de se apresentar, Paul continuou a entreter seus



Divulgação

Paul Di'Anno foi o vocalista do Iron Maiden entre 1978 e 1981, tendo gravado três álbuns com a banda britânica que se tornaria uma das mais influentes do heavy metal

fãs ao redor do mundo, realizando mais de cem shows desde 2023", escreveu o selo Conquer Music no Facebook.

Em setembro, ele lançou "The Book of the Beast", considerado seu disco definitivo de retrospectiva de carreira. Di'Anno - que já se apresentou diversas vezes no Brasil - teve que cancelar sua turnê de 2024 no país devido a problemas de saúde.

O artista nunca escondeu seu apego pelo Brasil, o país de seu pai. "Sempre considerei o Brasil minha segunda casa", disse ele em entrevista à GZH numa de suas passagens pelo Brasil.

A exemplo de seu pai, Paul também teve dois filhos nascidos por aqui. O artista se casou cinco vezes e alguns anos de sua vida no Brasil. "É muito legal. Tenho seis filhos e dois deles são nascidos no Brasil e eu tenho dupla cidadania, brasileira e britânica, o que é uma coisa boa", afirmou em entrevista à revista Metal Rules.

Fã de futebol, Paul herdou do pai brasileiro a paixão pelo Corinthians. "Sou da zona leste de Londres, como se fosse a favela de lá, e tenho simpatia pelo Corinthians. A primeira vez que vi o Corinthians jogar foi na TV, tinha o Sócrates", disse Paul, com certo tom de exagero, em entrevista à TV Cultura.

O cantor tinha até a carteirinha da torcida organizada do Corinthians, a Gaviões da Fiel. Ao longo de sua carreira, ele vestiu o uniforme do time várias vezes em seus shows. O clube paulista até o homenageou após a notícia de sua morte.

Pernambucano Léo da Bodega faz sua estreia fonográfica com o álbum 'Botija'

Pernambucano de Olinda, o cantor e compositor Léo da Bodega - uma boa revelação da cena musical nordestina - faz sua estreia fonográfica com "Botija", álbum marcado por um resgate de raízes e uma verdadeira celebração à rica cultura de sua cidade.

Produzido por DMAX - indicado ao Grammy que tem trabalhos com Vitão, Projota, Clau, Carol Biazin- e Los Brâsileros, o trio vencedor de um gramofone ao lado de Karol G, além de terem trabalhado com nomes como Day Limns, Bruno Gadiol e mais, ele apresenta também a faixa foco do álbum chamada de "Dejavú".

No projeto, o artista traz influências populares ao lado de ritmos e expressões tradicionais, como o Maracatu, o Frevo, entre outros. O álbum mistura elementos tradicionais da cultura popular pernambucana, como Cavalo Marinho, Maracatu e Ciranda, com influências urbanas contemporâneas, como o rap. Léo define o álbum como um resgate de suas raízes e uma homenagem à cultura de Pernambuco.

O nome do projeto faz referência a um artefato de barro utilizado para guardar riquezas, remetendo às superstições sobre tesouros escondidos. O álbum conta com participações especiais de artistas como As Filhas de Baracho, importantes nomes da Ciranda, e os Mestres Lilo e Micael Silva, representantes da nova geração da cultura popular pernambucana.

"Essa ideia evoca uma superstição associada à descoberta de "tesouros escondidos". Proponho, através deste trabalho, um



Léo da Bodega iniciou sua trajetória musical aos seis anos tocando rabeca

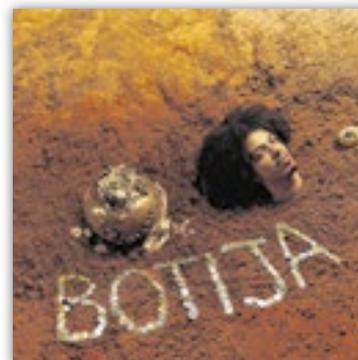
Raízes olindenses fincadas

resgate destas raízes e uma valorização da rica cultura popular pernambucana, com um toque contemporâneo e singular por meio de uma bela sonoridade de ritmos envolventes e históricos".

Composta por ele e pelo produtor, a nova música chega ao público com o álbum e um videoclipe, abordando temas profundos sobre intuição e sinais da vida, sempre presentes nas escolhas cotidianas. O artista se inspira em suas vivências pessoais, trazendo à tona a vulnerabilidade de jovens que transitam em

ambientes desafiadores.

"Sempre fui muito ligado aos sonhos, sempre tentei traduzir e entender o que aquilo poderia me dizer, "Dejavú" parte desse apego pela superstição, pela ancestralidade. Essa faixa fala sobre a intuição, sobre muitas vezes não se atentar aos sinais e acabar recebendo e fazendo coisas que não eram para nós, abordando ponto de vista de um jovem que vive muito próximo a uma realidade bastante complicada e acaba se tornando mais vulnerável em determinados ambientes, só



transitar por eles, daí o seu apego e fé, acredito, lhe manda sinais através de pesadelos e ele percebe como um Dejavú e consegue se livrar do caminho ruim."

O audiovisual foi gravado em Olinda, Pernambuco, e tem como foco retratar a vida de jovens da cidade. Segundo Léo, o vídeo busca capturar um aspecto

pouco registrado da juventude local, onde jovens com cavalos circulam pelas ruas da cidade, refletindo o estilo de vida das comunidades. Dirigido por Flora Negri, Analu e Léo da Bodega, ressalta essa contemporaneidade, ao mesmo tempo, em que destaca a dualidade entre a arquitetura histórica de Olinda e os costumes modernos dos seus moradores. Flora e Analu, que já colaboraram com nomes como Siba, Gabriel Leone e Chico César, trouxeram uma visão crua e realista para o projeto.

Com trilha sonora de Chico César, musical baseado em 'Viva o Povo Brasileiro', obra seminal de João Ubaldo Ribeiro, volta aos palcos cariocas

Obra que confirmou definitivamente o lugar de João Ubaldo Ribeiro (1941-2014) entre os maiores escritores de língua portuguesa, "Viva o Povo Brasileiro" rendeu a seu autor tanto o Prêmio Camões de Literatura como o Prêmio Jabuti. Além do sucesso de crítica, caiu nas graças do povo e inspirou até enredo de escola de samba (Império da Tijuca, 1987). Nos palcos, não poderia ser diferente. Sua adaptação teatral, mais sucesso sendo vista por 27 mil pessoas numa turnê nacional que passou pelo Rio, São Paulo, Salvador, Fortaleza, Recife e João Pessoa. Agora, o espetáculo ganha nova temporada desta vez no recém-reformado Teatro Carlos Gomes.

Com nome "Viva o Povo Brasileiro (De Naê a Dafé)", a montagem conta com 30 músicas originais compostas por Chico César, a partir de letras inspiradas ou que utilizam parte textual da obra de Ubaldo. A direção musical e trilha original são de João Milet Meirelles (BaianaSystem).

A pesquisa para a montagem teve início na investigação de doutorado feita na Universidade de Lisboa pelo diretor André Paes Leme, que já adaptou com sucesso, da literatura para o teatro, "A Hora da Estrela ou O Canto de Macabéa" (Clarice Lispector), "A Hora e Vez de Augusto Matraga" (Guimarães Rosa) e "Engraçadinha" (Nelson Rodrigues).

Conquistou não apenas a plateia, mas também o reconhecimento da crítica, vencendo o Prêmio Shell na categoria "Melhor Ator" com Maurício Tizumba. Foi indicado também em mais três categorias – Música Original e Direção Musical, Melhor Direção e Melhor Figurino -, e no Prêmio APCA nas categorias "Melhor Espetáculo" e "Melhor Ator" e no Prêmio APTR na categoria "Melhor Música".

O desejo de falar do que seria esse povo brasileiro a partir da ótica crítica e do humor de João Ubaldo Ribeiro provocou o nascimento do projeto. "Não há possibilidade de entender o povo brasileiro sem compreender que todos nós somos o povo brasileiro, desde os povos originários até os imigrantes que



'Viva O Povo Brasileiro (De Naê a Dafé)' reúne 30 atores para contar um dos nossos mais aclamados romances

Uma ode à brasilidade

chegaram muito tempo depois. Criamos esse espetáculo, que praticamente pega um terço do livro, mas traz a essência da obra ligada à ideia de ancestralidade, de espiritualidade, da luta contra a escravidão, por uma igualdade e justiça social. O texto é especialmente conectado à força feminina, que é algo muito forte a partir da personagem da Maria Dafé, que é a grande heroína", diz André.

O livro de Ubaldo tem cerca de 700 páginas e percorre 400 anos da história do Brasil. Na trama, o escritor segue as trilhas de um romance popular, sem cair no "popularesco" ou no "populismo". Oa história, ambientada na Ilha de Itaparica (BA), fala de uma alma que quer ser brasileira. Primeiramente, ela encarna em indígenas, até o primeiro personagem, o Caboclo Capiroba, em 1640, que é enforcado pelos portugueses colonizadores, mas tem uma filha que se chama Vu, e dela descendem as mulheres da história.

A alma depois reencarna em um Alferes, em 1809. Esse Alferes sonhava em ser um herói brasileiro e tem morte súbita protegendo

Itaparica da invasão portuguesa. Morre cedo, mas consegue ser considerado herói. A alma fica mais desejosa de ser brasileira e vai encarnar na personagem Maria Dafé, que é filha da Vevé (Naê), tataraneta de Vu. Ela foi estuprada pelo Barão, que, quando sabe da gravidez, manda o negro Leléo tirar Vevé de Itaparica. Leléo é um negro liberto, que já tem muito dinheiro e que cuida de Dafé como sua verdadeira neta, dando ensino e escola. Aos 12 anos, Dafé assiste ao assassinato da mãe a facadas, por homens que queriam violentar as duas. Isso é o gatilho para Dafé virar a heroína da história.

No palco, três músicos e dez atores que interpretam, cantam e tocam. Além do elenco fixo, cada cidade por onde o espetáculo passa ganha um coro composto por atores iniciantes/ estudantes, locais, que ajudam a dar vida à essa epopeia.

"Para compor as músicas, eu parti da palavra do escritor e busquei a sonoridade da escrita. Trouxe muito da minha formação intuitiva da música negra, brasileira, baiana,

porque o livro se passa em Itaparica e Salvador. Fiquei feliz quando soube que era o João Meirelles quem seria o diretor musical, porque o BaianaSystem é o grupo com maior expressão dessa contemporaneidade da música negra brasileira", conta Chico César.

Em seu segundo trabalho com o teatro musical, João Milet Meirelles trouxe para "Viva o Povo Brasileiro (de Naê a Dafé)" uma construção coletiva com referências da música baiana contemporânea e da tradicionalidade. "Existe também um apontamento para o futuro. Tem muita percussão, cordas, sanfona, piano. São três músicos e um elenco também muito competente musicalmente. Tem essa diversidade como uma linha que vai conduzindo tudo. É uma construção coletiva com o processo de experimentação", define João.

SERVIÇO

VIVA O POVO BRASILEIRO (DE NAÊ A DAFÉ)

Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes – Centro)

Até 3/11, às quintas e sextas (19h) | sábados e domingos (17h)

Ingressos: Plateia - R\$ 60, R\$ 30 (meia), R\$ 45 (cliente Nubank) e R\$ 30 (cliente Nubank Ultravioleta) | Balcão - R\$ 39, R\$ 19,50 (meia), R\$ 29,25 (cliente Nubank) e R\$ 19,50 (cliente Nubank Ultravioleta)